

ALGUNS MOTIVOS CORPORAL E FACIAL INFANTIL ENTRE OS KAYAPÓ-KUBÉKRÁKÉGN

**EDSON SOARES DINIZ E
GLÉBIA N. DINIZ**

I — *Introdução*

As informações dadas a seguir foram obtidas em pesquisa de campo, realizada em fins de agosto ao término de setembro de 1962 (1). Os autores agradecem ao Museu Paraense "Emílio Goeldi" o financiamento da pesquisa, à Força Aérea Brasileira o transporte, e à 2.^a Inspetoria do antigo Serviço de Proteção aos Índios (2), todas as facilidades para a realização da tarefa. Ao Sr. Erotildes Pinto e dona Adélia, os nossos agradecimentos pela sua acolhida e pela colaboração. Aos Kubekrakégn, nossa perene gratidão pela hospitalidade e pelos ensinamentos que nos proporcionaram.

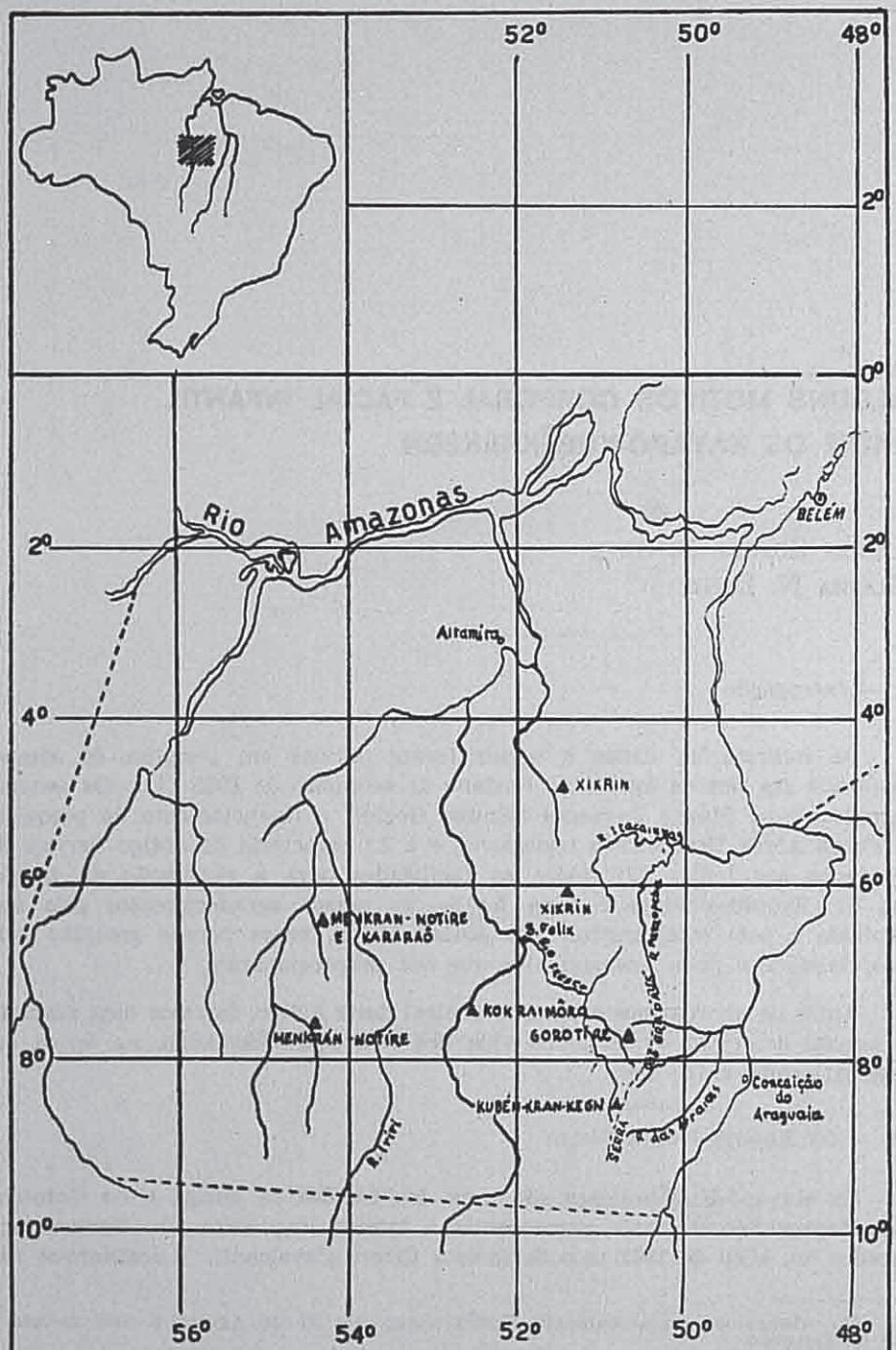
Antes de abordarmos o assunto central deste artigo, faremos uma suscinta e parcial descrição do modo de vida dos Índios Kubekrakégn, na época em que estivemos entre eles.

II — *Os Kayapó-Kubekrakégn*

Os Kayapó-Kubekrakégn são uma das frações da antiga tribo Gorotire, dos Kayapó-Setentrionais, pertencentes à família lingüística Jê. Foram pacificados em abril de 1962 pelo Sertanista Cicero Cavalcanti. Localizam-se nas

(1) Chegamos ao aldeamento Kubekrakégn em 27 de Agosto e dele saímos a 1.^º de Outubro.

(2) Substituído pela Fundação Nacional do Índio em fins de 1967. (Cf. Lei n.^o 5.371 de 5/12/67).



LOCALIZAÇÃO DOS KAYAPÓ AO SUL
DO PARÁ

imediations da Cachoeira da Fumaça, na margem direita do Riozinho, sub-afluente do Xingu, no sul do Estado do Pará (3). São "assistidos" pelo Posto Indígena Nilo Peçanha. Este, na época da pesquisa, era praticamente nominal. Não havia sede, o funcionário e sua família moravam numa dependência da rústica capela mandada construir por missionários católicos. A situação do funcionário era penosa, pois era um trabalhador contratado que não recebia seus vencimentos há dois anos. Vivia miseravelmente com seus familiares, dependendo do Padre Jaime (4) que lhe remetia alguns alimentos e leite para os dois filhos pequenos e para os índios. Ao invés de assistir era assistido. Tanto ele como sua esposa eram analfabetos, embora tivessem muita habilidade lingüística, pois dominavam o idioma kayapó, dando-se muito bem com os indigenas (5).

O Posto Nilo Peçanha recebia visitas semanais de um Beech-Craft do Correio Aéreo Nacional oriundo de Belém, e quinzenais de um Douglas que partia do Rio. As permanências desses aviões não ultrapassavam meia hora, servindo como meio de intercâmbio e como veículo de emigração daquele para o Posto Indígena Gorotire. O "campo de pouso" foi construído em agosto-setembro de 1953, pelos índios, orientados por funcionários do órgão protetor.

Há dez anos atrás os Kubékrákégn tinham uma população de cerca de 200 pessoas. O casario da aldeia era disposto em duas retas paralelas, contrariando o antigo formato circular dos aldeamentos Kayapó (6). Em consequência desse novo padrão, influenciado pelos "civilizados", deixou de haver a "casa dos homens" (*ngòb*) que ficava tradicionalmente no centro do círculo de casas. O tipo de construção de casa, também seguia o modelo "civilizado", isto é, quadrangular e teto de duas águas. O tradicional abrigo, feito pelas mulheres, só pudemos observar no acampamento construído perto das roças e num outro próximo da aldeia, quando chegavam de uma viagem estacional (7).

Os Kubékrákégn constituem um grupo tribal que está em " contato intermitente", isto é, mantém apenas contatos ocasionais com os elementos alienígenas (8). A localização de sua aldeia, isolada e de difícil acesso, é um elemento favorável para o seu conservantismo cultural. O seu território está

(3) Ali era o habitat tradicional da outrora unificada tribo Gorotire. Desta se fracionou, em 1936, o grupo Djudjétuktí, conhecido pela denominação geral e localizado no Posto Indígena Gorotire (Cf. DINIZ, 1962).

(4) Este missionário católico residia na cidade de Conceição do Araguaia e só ocasionalmente visitava os Kubekrakégn.

(5) Antes moravam entre os Kayapó-Kokraimôro, fração oriunda dos Kayapó-Kubékrákégn. Era um casal devotado, tendo o Sr. Erotildes grande experiência de trabalho de «atração indígena», executado juntamente com seu pai, velho e experiente funcionário do extinto Serviço de Proteção aos Índios, Sr. Reimundo Pinto.

(6) Em 1955 a aldeia Kubékrákégn constituiu um círculo de cerca de 60 metros de diâmetro, cujo centro aproximado era ocupado pela casa dos homens (*ngòb*). As casas eram em número de 32, todas do tipo neo-brasileiro (Cf. DREYFUS, 1963:21).

(7) Sobre a descrição do acampamento Kayapó Cf. BANNER, 1961:2-5.

(8) Cf. RIBEIRO, 1957:11.

compreendido na extensa zona fisiográfica do Xingu que abrange os municípios de Altamira e de São Félix do Xingu (9).

Os Kubékrákégn não usam roupa, tanto os homens, como as mulheres. Aqueles usam apenas um "cache sex" (*mudjé*) (10) que envolve o prepúcio e a glande. As mulheres quase sempre estão com o corpo pintado, o mesmo acontecendo com as meninas e com os meninos. O cabelo é raspado até a coroa da cabeça, da fronte até o alto, em forma de V com o vértice no centro do crânio, mas o restante é conservado comprido. Ambos os sexos depilam sobrancelhas, pestanas, axilas e pélvis. Os indivíduos do sexo masculino usam orelhas e lábio inferior furados. Na maioria o furo labial é diminuto, porém os furos auriculares são distendidos em todos. Esses orifícios são feitos nos primeiros dias de nascido. Vimos uma avô materna furando as orelhas e o lábio inferior de um recém-nascido que morrera três dias após o nascimento. Foi sepultado com enfeites nesses locais, além da pintura de corpo.

A dormida é feita em esteiras de fibra de buriti (11), em catres ou em jiráus baixos. A dormida nos dois primeiros tipos de "cama" facilita a proximidade do lume que é mantido aceso, para o aquecimento do ambiente.

As roças ficam longe da aldeia, cerca de seis quilômetros. Na época de nossa permanência havia poucas pessoas na aldeia.

III — *Os Motivos de Pintura*

Nossos dados se limitam a 24 motivos. Os modelos das pinturas de corpo, facial e de cabeça referem-se às crianças (12), de ambos os性os, de idades compreendidas entre cerca de 3 e 9 anos. Alguns fatos necessários à maior compreensão, não puderam ser totalmente esclarecidos (13). Não pretendemos fazer quaisquer interpretações, apresentamos apenas os fatos na expectativa de que sejam úteis a quem tenha um interesse específico neles. A pintora

(9) Os dois municípios têm uma área de 282.070 quilômetros quadrados. São Félix do Xingu foi desmembrado do município de Altamira em princípios da década de 1960. A população de ambos, na época, era de 12.090 habitantes (Cf. Sinopse do Centro do I.B.G.E., 1960). Os cinco grupos oriundos do fracionamento da antiga tribo Gorotire, localizados na zona fisiográfica do Xingu (VER MAPA), são os seguintes: a) Gorotire, no rio Fresco, com 227 habitantes; b) Kubékrákégn, no Riozinho, com cerca de 200 habitantes; c) Kararaó em conjunto com os Mnekranon-tire, no igarapé Pitiatá, com cerca de 600 habitantes; e) Kokraimôro, na Serra Encontrada, com cerca de 120 habitantes (Cf. DINIZ, 1962-33-34, nota n.º 2).

(10) Os termos entre parêntesis são da língua nativa.

(11) Mauritia Vinifera.

(12) Sobre a pintura infantil, Horace Banner assim se refere: «para as crianças, a pintura é mais complexa e exige da pintora uma habilidade adquirida através de longa experiência e muita prática» (1961:6). Já por sua vez, René Fuerst, acrescenta: «... seules les peintures des enfants peuvent être comparées à celles des femmes. Consistant en des dessins non moins complexes, elles ne se pratiquent cependant pas aussi régulièrement et en tous jamais collectivement» (1964:126). Simone Dreyfus-Roche, ao se referir à pintura corporal infantil entre os Kayapó afirma: «La peinture du corps des enfants, purement décorative, est la plus riche de motifs et la plus réussie» (1963:40).

(13) Todos os desenhos foram colhidos pela co-autora, num trabalho paciente realizado graças à boa vontade dos indígenas solicitados.

executa seu mister sobre o paciente, sem seguir uma amostra nem tão pouco um ponto de referência. A sua habilidade é alicerçada na experiência.

Os ingredientes empregados na pintura corporal, são o suco de jenipapo (*mrôtf*) (14), misturado à tisna de carvão (*bòri-pró*) e o suco extraído das sementes de urucú (15). A tinta preta, resultado da mistura do suco de jenipapo com o pó de carvão, é empregada nos desenhos corporais, de rosto e de cabeça. A tinta vermelha, de urucú, misturada ao óleo do fruto de alguma palmeira, como a inajá (16), é usada ao redor dos olhos, nos tornozelos, nos dois pequenos círculos e no vértice da pintura de cabeça. O fundo é constituído pela própria pele. Os estilos se apresentam com ou sem representação, tendo elementos retos e curvos, constituindo os primeiros a maioria. A forma figurativa pode ser exemplificada pelo motivo "pintura de jabotí" (*kapram-ôk*) (ver figuras n.os 1, 2 e 3). A forma não figurativa pode ser exemplificada pela pintura de olho (*nô-ôk*) (ver figuras n.os 12, 13 e 14). Há três categorias de pinturas: de corpo (*mê-ôk*); facial (*mê-aitek*); e de cabeça (*mê-mârah*).

1. BIBLIOGRAFIA

- 1.1. BANNER, Horace — O Índio Kayapó em seu acampamento. *Boletim do Museu Paraense "Emílio Goeldi"*: Nova Série. Antropologia. Belém, 13. 51 p. 1961.
- 1.2. BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — *Sinopse do Censo de 1960*. Rio de Janeiro, 1960.
- 1.3. DINIZ, Edson Soares — "Os Kayapó-Gorotire: aspectos sócio-culturais do momento atual". *Boletim do Museu Paraense "Emílio Goeldi"*: Nova Série. Antropologia. Belém, 18. 40 p. 4 graf., 2 tab., 10 est., 1 mapa. 1962.
- 1.4. DREYFUS, Simone — *Les Kayapó du nord; Etat de Pará — Brésil: contribution à l'étude des Indiens Gé*. Paris, Mouton. 213 p., 12 fig., 2 tab., 27 est., 2 mapas (2 apêndices). 1963.
- 1.5. FUERST, René — "La peinture collective des femmes Xikrin (contribution à l'étude des Índios Kayapó du Brasil Central)". In Becher, H., ed. *Beiträge zur Volkerkunde Südamerikas*. Hannover, Kommissionsverlag Münstermann-Rück, p. 117-130, 12 fig. 1964. (Voelkerkundliche Abhandlungen, 1).
- 1.6. RIBEIRO, Darcy — "Culturas e Línguas Indígenas do Brasil". *Separata da Revista Educação e Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 2 (6): 102 p. 1957.

(14) *Genipa Brasiliensis*.

(15) *Bixa orellana*.

(16) *Maxilliana regia*.

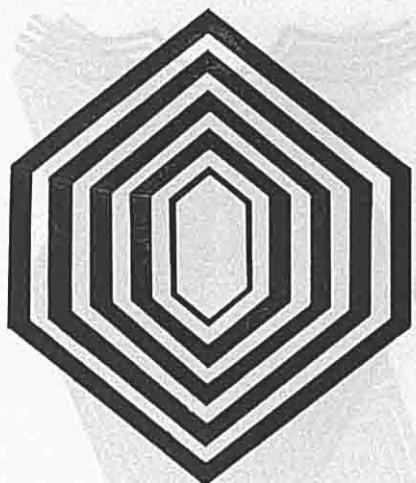


Fig. 1



Fig. 2

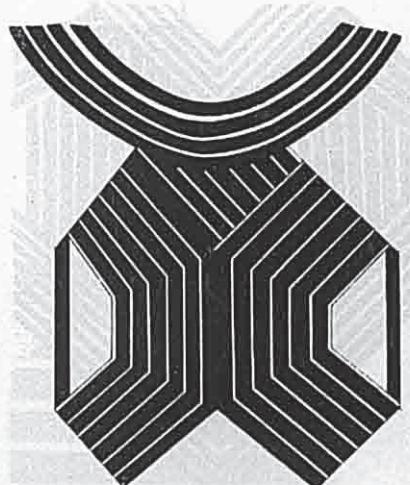


Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5

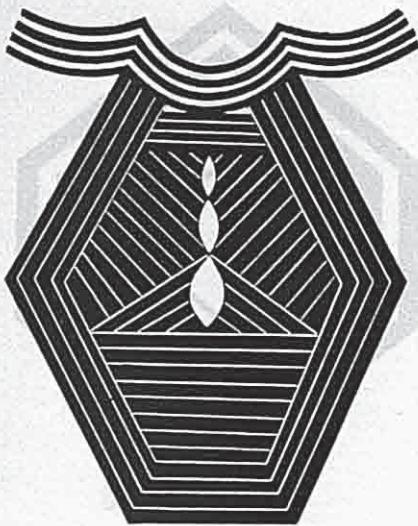


Fig. 6

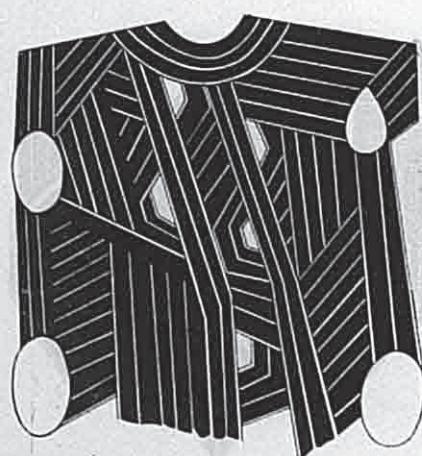


Fig. 7



Fig. 8

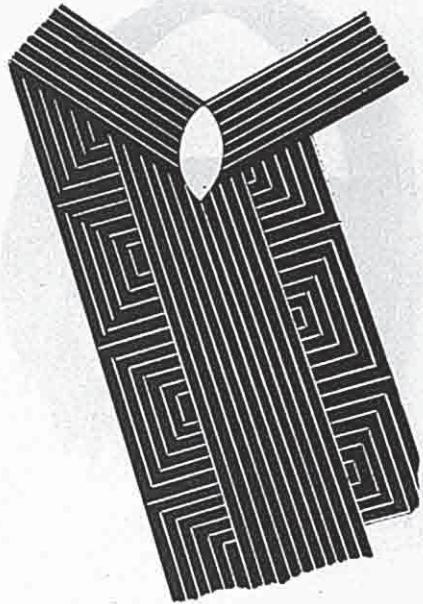


Fig. 9

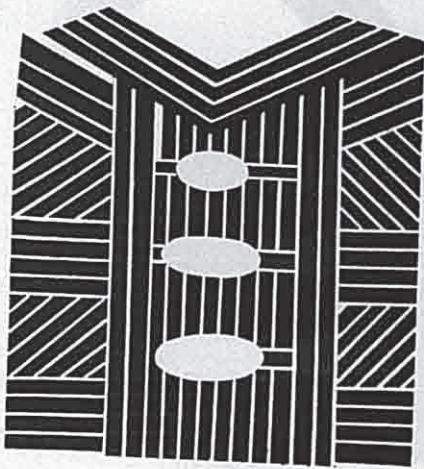


Fig. 10

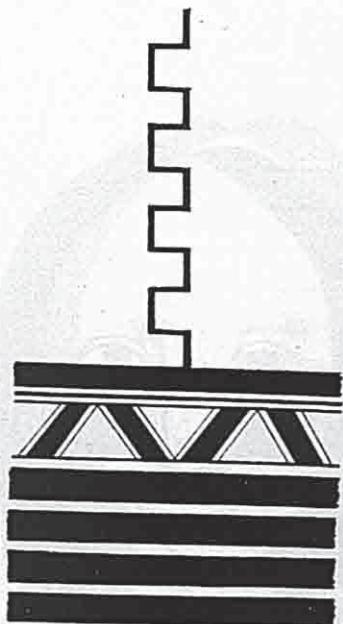


Fig. 11



Fig. 12



Fig. 13



Fig. 14



Fig. 15



Fig. 16



Fig. 17



Fig. 18



Fig. 19



Fig. 20

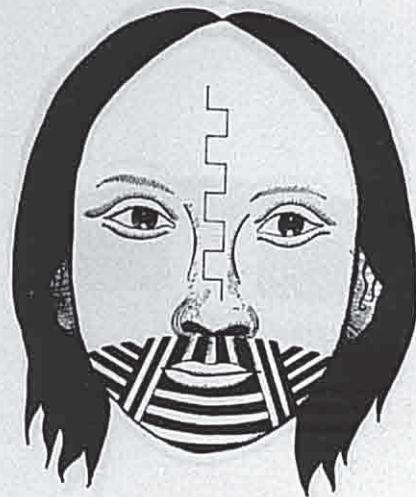


Fig. 21



Fig. 22



Fig. 23



Fig. 24